



Os projetos de vida dos jovens do Alto do Tamanduá/AL

Erick da Silva Menezes⁽¹⁾; Francisco Carlos de Lucena⁽²⁾

⁽¹⁾Bolsista (aluno curso técnico em Agropecuária); Instituto Federal de Alagoas-IFAL; Maravilha, Alagoas; E-mail:erick.silvamenezes@gmail.com; ⁽²⁾Orientador (Professor de Sociologia e membro do GIPHU-Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Humanidades); IFAL; E-mail: fcsociologia@gmail.com.

Página | 197

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 20 de fevereiro de 2016; Aceito em: 20 de março de 2016; Publicado: 06 de novembro 2016. Copyright© Autor, 2016.

RESUMO: A pesquisa foi realizada na comunidade quilombola Alta do Tamanduá e no assentamento Santa Vitória, no Poço das Trincheiras/AL. O município localiza-se no sertão, distante 216 km de Maceió, capital do estado. O objetivo geral da pesquisa foi explicar como são construídos os projetos individuais de vida dos jovens dessas comunidades. Utilizou-se entrevistas não estruturadas e etnografia. Foram realizadas 23 entrevistas com jovens das duas comunidades com idade entre 15 e 25 anos. No geral, os jovens projetam suas vidas para fora das comunidades, uma vez que as possibilidades são restritas. Os jovens colocam a educação como uma possível possibilidade de ascensão social e profissional. A terra é vista como um fator determinante para os jovens projetarem suas vidas no campo, no entanto, esse fator é bastante restrito no quilombo, visto que a maioria das famílias não tem posse de terras, enquanto que no assentamento todas as famílias possuem um lote com 15 hectares. A zona rural é valorizada como um espaço “tranquilo” e “sossegado”. As relações sociais com a família e com os amigos foi também associada à imagem positiva que fazem do campo. A cidade é vista como o lugar dos empregos e oportunidades, mas também da violência e de muita “agitação”.

Palavras-chave: Agricultura familiar, jovens rurais, projeto.

ABSTRACT: The survey was conducted in maroon comunidade quilombola Alto do Tamanduá and settlement Santa Vitoria in the Poço das Trincheiras / AL. The municipality is located in the hinterland, far 216 km from Maceió, the state capital. The overall objective of the research is to explain how the individual projects of life of young people in these communities are built. We use unstructured interviews and ethnography. They were conducted 23 interviews with young people from the two communities aged between 15 and 25 years. Overall, young people design their lives out of the communities, since the possibilities are restricted. Young people put education as a potential possibility of social and career advancement. The land is seen as a determining factor for young people to project their lives in the field, however, this factor is quite restricted in quilombo, as most families do not have land tenure, while the settlement all families have a lot with 15 hectares. The countryside is valued as a space "quiet" and "peaceful". The city is seen as the seat of jobs and opportunities, but also of violence and a lot of "agitation"

Keywords: Family farmers, rural youth and migration

INTRODUÇÃO

O Alto do Tamanduá e o Assentamento Santa Vitória ficam no município de Poço das Trincheiras-AL. O município de Poço das Trincheiras localiza-se na Microrregião de Santana do Ipanema, situada na Mesorregião do Sertão Alagoano. Fica a aproximadamente 236 Km da capital do estado, Maceió. Segundo o Censo do IBGE-2010, tem uma população de 13.872. Dessa população 2.043 (14,73%) residiam na zona urbana e 11.829 (85,27%) na zona rural. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) do município em 2010 foi de 0,526, índice considerado baixo. Em 2010, das pessoas ocupadas na faixa de 18 anos ou mais, 69,07% trabalhavam no setor agropecuário, 0,24% na indústria extrativista, 1,69% na indústria de transformação, 4,14% no setor de construção, 0,12% no setor de utilidade pública, 3,92% no comércio e 19,65% no setor de serviços (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013).

A comunidade quilombola do Alto do Tamanduá localiza-se às margens da rodovia federal 316, distante 11 km do Poço das Trincheiras. O quilombo do Alto do Tamanduá tem 225 famílias, aproximadamente 1.350 habitantes. Estas famílias vivem da agricultura, dos programas de transferência de renda do governo federal e de atividades não agrícolas, como pequenos comércios e bares. Plantam geralmente milho e feijão. A produção da agricultura se destina ao autoconsumo familiar. O uso da terra é, em sua maioria, o regime de meeiro¹. Isso porque 70% das famílias do quilombo não possuem terra. Já os 30% das famílias possuem propriedades rurais, medindo de duas a três hectares. Em relação à criação de animais, existem pequenos rebanhos de bovinos, ovinos, suínos, caprinos e aves. Vale ressaltar que mesmo o quilombo do Alto do Tamanduá tendo certificação da Fundação Cultural Palmares, ainda não foi feita a demarcação das terras. Na comunidade existe somente a educação infantil do primeiro ao quinto ano. O ensino fundamental é feito, geralmente na cidade de Poço das Trincheiras e o ensino médio é realizado em Santana do Ipanema.

O Assentamento Santa Vitória tem 30 famílias assentadas, com uma população de aproximadamente 300 habitantes. Sua inauguração foi em 2001, feita pelo Instituto de Terras e Reforma Agrária de Alagoas - ITERAL. Os lotes são de 15 hectares. Cada família possui o seu lote, onde planta e cria. A atividade agrícola é composta pela produção de milho, feijão, palma e sorgo forrageiros. Possuem criatórios de bovinos, ovinos, suínos e aves. Não existe agricultura irrigada no assentamento. Quando chega o período do verão, entre os meses de agosto a dezembro, as famílias ficam ociosas e sem possibilidades de obter renda na comunidade. Dessa forma, alguns membros dessas

famílias, geralmente os homens, saem para buscar trabalho fora da comunidade. Vale ressaltar que no assentamento não existe escolas. As crianças e os jovens vão estudar na cidade de Poço das Trincheiras.

O estudo das juventudes é uma subárea da Sociologia, formando um campo de saber denominado de sociologia da juventude. Para o sociólogo português José Machado Pais (1990) a juventude comporta um campo semântico variado, não podendo ser entendida através de um conceito único. A juventude é uma realidade social que comporta uma aparente unidade, quando referida a uma fase da vida; e uma diversidade quando pensamos os jovens mediante os diferentes atributos sociais aos quais pertencem. Com isso, queremos dizer que a juventude não é homogênea. Ela é essencialmente plural, quando são considerados os interesses, as origens sociais e as perspectivas e aspirações dos jovens, mesmo estando sempre referida a uma geração posterior (PAIS, 1990). Então, pensar em jovens é falar de sujeitos sociais que se constroem nas relações sociais com as gerações adultas. Mas, nessa pesquisa utilizaremos um recorte etário para nos referir a jovens. Esse recorte está compreendido entre 14 e 25 anos. Mesmo tratando-se de uma construção da realidade social pelo pesquisador, esse recorte é utilizado em várias pesquisas sociológicas sobre juventude (CASTRO, 2005).

Os jovens rurais são atores sociais que vivem a sua experiência de juventude nos contextos de sociabilidade do mundo rural, o que de certa forma lhes conferem uma alteridade. No que concerne à juventude rural tem-se uma produção acadêmica relativamente acanhada (CASTRO, 2005). WEISHEIMER (2005) destaca que a invisibilidade social e a migração são dimensões que assolam a juventude rural, implicando na desmotivação dos jovens rurais em planejarem a construção de um futuro no meio rural. Essa desmotivação está relacionada a uma série de fatores sociais e culturais: geração, gênero, processo de sucessão na agricultura familiar, estrutura fundiária, nível educacional (WANDERLEY, 2007). Os conflitos geracionais vividos pelos jovens rurais estão relacionados, em parte, a formas divergentes de viver o mundo rural. Pesquisas realizadas no Brasil mostram uma visão relativamente negativa dos jovens em relação à atividade agrícola (BRUMER, 2007). Para as moças investir nos estudos é uma forma de encontrar maior reconhecimento social. No entanto, a rejeição a atividade agrícola não significa necessariamente a rejeição da vida no meio rural. Com tal postura, os jovens rurais apontam novas maneiras de vivenciar o mundo rural, bem como projetos de vida que nem sempre são consoantes com os valores sociais das gerações adultas. Tais projetos de vida trazem consigo as diferenças de gênero e os processos de dominação articulados através das mesmas.

A discussão sobre projeto de vida está baseada, sobretudo, nas reflexões dos antropólogos Gilberto Velho (2003) e Jean-Pierre Boutinet (2002). O conceito de projeto articulado por Velho (2002) tem grande influência da obra de Schutz (1979). Para Schutz (1979), projeto associa-se a uma conduta organizada para atingir finalidades específicas. No entanto, para fugir de um determinismo racionalista, Velho (2003) enfatiza que os projetos estão imbricados em campos de possibilidades, que são determinados culturalmente em seus contextos sociais. Por sua vez, os campos de possibilidades é a dimensão sociocultural que configura o espaço para formação e efetivação ou não do projeto. Dessa maneira, os projetos não configuram a expressão do voluntarismo individualista, mas são elaborados nas particularidades do contexto social no qual os atores sociais interagem, usando à recursividade disponível na estrutura social (GIDDENS, 2000).

Assim projeto está associado à formulação de objetivos futuros, que possuem como base experiências passadas. Dessa forma, os atores sociais ao formularem os seus projetos estão preocupados com suas ações no futuro. Como destaca Schutz (1979) o projeto como uma antecipação de eventos futuros traz sempre horizontes em aberto. Ou seja, o projeto nem sempre é realizado, mas configura uma forma de os atores sociais interpretarem e pensarem o mundo social que querem, individual ou coletivamente. Dessa forma, o que importa mais na análise dos projetos não é necessariamente a sua concretização pelos atores sociais, mas a maneira como esses atores falam dos seus projetos. Como a prática discursiva revela o sentido do tecido social, refletir sobre como os jovens rurais falam dos seus projetos é estudar a maneira de eles vivenciarem o mundo rural (GIDDENS, 2000). Para pensar os projetos dos jovens rurais em estudo, utilizaremos o conceito de projeto de vida do antropólogo Boutinet (2002). Para Boutinet (2002) projeto de vida se relaciona a certo estilo de vida que o jovem pretende adotar apontando para definições sobre a vida conjugal, como por exemplo, se querem casar com agricultor (a), onde pretende residir, o que envolve a tomada de decisão sobre estabelecimento no meio rural ou migração para os centros urbanos.

Pensando nas questões como raça, etnia, acesso a terra, os contatos com o mundo urbano e os processos migratórios que permeiam a vida dos jovens da citada comunidade, o projeto tem como objetivo geral explicar como os jovens rurais quilombolas e jovens rurais assentados da comunidade do Alto do Tamandú constroem os seus projetos individuais de vida. Com tal problemática buscamos construir uma reflexão sobre duas realidades sociais que possuem algumas diferenças. Por um lado, os jovens quilombolas que, em sua maioria, não tem acesso a terra, com suas tradições

étnicas e suas formas distintas de sociabilidade. Por outro lado, os jovens assentados com uma realidade que permite o acesso a terra, com suas demandas sociais e políticas do assentamento.

PROCEDIMENTO METODOLOGICO

A pesquisa utilizou o recorte etário compreendido entre 14 e 25 anos. Esse recorte é utilizado por vários estudiosos da temática juventude rural no Brasil (CASTRO, 2005; WANDERLEY, 2007). Usamos a técnica da entrevista não estruturada (RICHARDSON, 2008). Essa técnica permitiu que fosse realizada uma investigação mais detalhada sobre os projetos de vida dos jovens. A forma de abordagem para as entrevistas foi feita através de contato inicial com as lideranças das comunidades (os presidentes das associações comunitárias). Depois desse contato tivemos acesso aos jovens. Usamos gravador, câmara fotográfica e caderno de campo. Realizamos também visitas para fazer etnografia do cotidiano dos jovens.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A técnica utilizada para interpretação dos dados foi à análise de discurso. No quilombo os jovens convivem em um contexto com dificuldades para acessar a internet e para a comunicação por telefonia móvel. No assentamento o acesso a essas tecnologias ainda é mais precário. Essas dificuldades são percebidas pelos jovens como um dos impactos da frágil cidadania da zona rural. A escassez de trabalho também foi bastante criticada e vista como um dos fatores responsável pelas constantes ondas migratórias para os estados do Sudeste, principalmente para São Paulo e Minas Gerais.

Os jovens, tanto no quilombo quanto no assentamento, colocaram a posse da terra como uma condição para ficar no campo. Mas é importante destacarmos que a posse da terra não é suficiente para as famílias se reproduzirem socialmente. Como são propriedades pequenas (no máximo 10 hectares) a renda advinda delas é insuficiente para os jovens realizarem os seus projetos individuais, como por exemplo possuir uma motocicleta.

Outro aspecto da pesquisa refere-se à importância atribuída à família, aos vizinhos e ao sentido subjetivo de pertencimento ao “lugar onde nasceram” como fator

relevante para os jovens ficarem no campo. A comunidade possui um valor considerável para os jovens, pois é o lugar das suas lembranças, histórias e relações familiares.

A migração pode ser compreendida nessa ótica como um processo conflitivo, que envolve escolhas repletas de sentimentos emotivos. Sair significa para eles algo transitório, uma alternativa para adquirir recursos financeiros e depois morar na comunidade. É importante registrar que a valorização da comunidade, do “lugar aonde nasceram” está presente nas entrevistas das duas comunidades.

Para os jovens do quilombo os estudos são vistos como a forma de eles conseguirem um “futuro melhor”. Esse futuro melhor direciona-se para projetos de empregos fora da agricultura, em trabalhos menos pesados e cansativos.

Os projetos profissionais dos jovens do quilombo estão relacionados, sobretudo, com as profissões fora da agricultura. Apesar de eles não rejeitarem completamente o trabalho agrícola.

O campo é percebido por eles como o lugar para morar. O lugar do descanso, da família e dos vizinhos. A representação da zona rural como o espaço do descanso e da família configura, com todos os riscos de estarmos generalizando um estudo de caso, parte do processo de ressignificação do mundo rural. Essa representação sobre o campo é comum nas duas comunidades.

Já o mundo urbano entra nos projetos de vida como representando o espaço onde os jovens (moças e rapazes) irão encontrar empregos mais rentáveis. Nesse sentido, a cidade representa a modernidade com suas oportunidades e perigos. O mundo urbano também possui um lado negativo na visão dos jovens. Para eles (rapazes e moças), a cidade configura um espaço detentor dos cenários de violência, movimentação e barulhos. Essa representação sobre o campo é comum nas duas comunidades.

Os jovens do assentamento tem uma visão que prioriza menos os estudos em seus projetos de vida. Os rapazes entrevistados buscam logo cedo trabalhar na agricultura ou em outra atividade como serventes de pedreiro ou pedreiros.

Em resumo, os jovens (moças e rapazes) do quilombo e do assentamento pensam em encontrar trabalhos menos pesados e mais lucrativos fora da agricultura. Mas valorizam as suas comunidades por ser o lugar das suas famílias e planejam morar nelas. Os planos de continuar estudando estão mais presentes no quilombo, entre moças e rapazes. No assentamento, os planos de continuar os estudos estão mais presentes somente entre as moças. Já a visão do campo como calmo e tranquilo e da cidade como espaço da violência e do barulho está presente entre todos os entrevistados das duas comunidades. Vale destacar que as moças do assentamento colocaram que possuem

pouca liberdade para diversão e para sair. Fato que não vimos com as moças do quilombo.

CONCLUSÃO

O estudo sobre os jovens rurais representa um aspecto importante dos estudos da sociologia rural. Os jovens rurais são atores sociais inseridos em diversas estruturas sociais tais como a família, a escola, o mundo rural e urbano. Essas estruturas sociais exercem suas influências sobre os jovens e também se remodelam junto com eles. Os dados encontrados na pesquisa não podem ser generalizados por tratar-se de um estudo de caso. Mas apontam algumas tendências já evidenciadas em outras pesquisas com jovens rurais de outros contextos sociais do Brasil. A importância dada à comunidade como o lugar da família, a valorização do investimento nos estudos como uma condição para os jovens pensarem em um emprego menos pesado e mais bem remunerado do que o trabalho na roça, são aspectos que apontam para uma compreensão do campo não mais como o lugar exclusivo do agrícola. Os jovens não percebem mais o mundo rural como um lugar para a prática efetiva da agricultura e pecuária, eles o pensam também como o lugar do descanso, do afastamento da agitação das grandes cidades e etc.

Já a imagem da cidade como sendo a referência para suas realizações profissionais aponta para pensarmos que a cidade é também ressignificada pelos jovens. A cidade não é o lugar ideal onde eles querem viver. A cidade está mais ligada às oportunidades de emprego, mas é tensa e cansativa por causa da violência urbana e da agitação do progresso técnico.

Esse discurso sobre a cidade apresenta uma crítica à modernidade e ao modelo dominante da ideia de mundo urbano sobre o mundo rural. Além disso, a valorização dos estudos aponta para elementos da modernidade que os jovens interiorizam em seus trânsitos entre o campo e a cidade. Assim, os jovens mostram uma visão do mundo rural e urbano de forma complementar. Essa complementariedade de valores produz uma imagem do campo e da cidade sem a polarização estanque do discurso hegemônico do Ocidente, no qual a cidade referia-se ao mundo do desenvolvimento e o campo ao lugar do atraso.

Vale destacar que as diferenças encontradas entre os projetos de vida dos jovens do assentamento do quilombo sinalizam para a necessidade de pensarmos que o mundo rural não é homogêneo. Ele é facetado pelas diferenças regionais, locais, as questões de

gênero e etnia. Na pesquisa pode-se ver que a prioridade em continuar os estudos é mais presente entre as moças do que entre os rapazes do assentamento. Já no quilombo observamos que os planos de continuar estudando são pensados por moças e rapazes. Também vimos que o incentivo da família para os filhos continuarem estudando é mais presente nas atitudes das mães. É importante também destacar que a valorização do campo como lugar da família é um sentimento forte entre os entrevistados. Assim, a comunidade tem um valor simbólico muito forte na vida dos jovens, fato que desconstrói a ideia clássica do jovem desinteressado pelo campo. A crítica maior dos jovens recai justamente contra o poder político municipal, estadual e federal pelo descaso para com o processo de cidadania rural.

A pesquisa está sendo ampliada para discutirmos como os projetos de vida são construídos por moças e rapazes do quilombo. Com esse novo enfoque objetivamos discutir como as relações de gênero influenciam as orientações profissões e perspectivas futuras dos jovens rurais.

REFERÊNCIAS

1. BOUTNET, Jean-Pierre. *Antropologia do Projeto*. Porto Alegre: Artimed, 2002.
2. BRUMER, Anita. *A problemática dos jovens na pós-modernidade*. In: CARNEIRO, Maria José & CASTRO, Elisa G. de *Juventude rural em perspectiva*. RJ: Mauad X, 2007.:
3. CASTRO, Elisa Guaraná. de. *Entre ficar e sair: Uma etnografia da construção social da categoria jovem rural*. Rio de Janeiro- UFRJ-PPGAS: Tese de Doutorado. 2005.
4. GIDDENS, Anthony. *Dualidade da estrutura: agência e estrutura*. Portugal: Ed. Celta, 2000.
5. PAIS, Machado José. *A construção sociologia da juventude: alguns atributos*. Análise social. v.XXV, p139-165, 1990.
6. RICHARDON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Altas, 2008.
7. SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
8. VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. RJ: Jorge Zahar, 2003.

9. WANDERLEY, Maria de N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco; que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO Maria José & CASTRO, Elisa G. de. *Juventude rural em perspectiva*. RJ: Mauad X, 2007.
10. WEISHEIMER, Nilson. Juventudes rurais: mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário-MDA/Estudos NEAD, 2005.

ⁱ É o agricultor não-proprietário de terras que troca a sua mão-de-obra com parte de sua produção obtida em terras alheias, segundo um contrato pré-estabelecido.